

PREVALÊNCIA DE SINTOMAS VOCAIS EM PROFESSORES NA REDE MUNICIPAL DE ENSINO EM CAMPO GRANDE – MS

Prevalence of teacher's voices symptoms in municipal network education in Campo Grande - MS

Elisângela Giroto Carelli Hermes ⁽¹⁾, Paulo Roberto Haidamus de Oliveira Bastos ⁽¹⁾

RESUMO

Objetivo: delinear o panorama epidemiológico sobre a voz do professor na Rede Municipal de Ensino de Campo Grande/MS, verificando a prevalência de sintomas vocais autorreferidos nessa população. **Métodos:** trata-se de um estudo epidemiológico, transversal, descritivo, quantitativo. Dentre os 4.957 professores cadastrados na Semed/2013, 394 participaram da pesquisa. Todas as sete regiões urbanas do município (Prosa, Bandeira, Anhanduizinho, Lagoa, Segredo, Centro, Imbirussu) foram amostradas. Para a coleta de dados utilizou-se o protocolo de Ferreira e cols., adaptado, utilizando-se como método de mensuração a escala Likert. **Resultados:** constatou-se alta prevalência de sintomas vocais autorreferidos. Os professores apresentaram múltiplos sintomas relacionados ao uso da voz no trabalho e perceberam os efeitos adversos em seu desempenho profissional. **Conclusão:** a seriedade dos problemas de voz do professor, vivenciados diariamente nos serviços de atendimento fonoaudiológico e na Rede Municipal de Ensino foi revelada em números expressivos nessa pesquisa.

DESCRIPTORIOS: Saúde Pública; Educação; Voz; Docentes; Fonoaudiologia

■ INTRODUÇÃO

A necessidade do uso da voz como ferramenta de trabalho tem crescido nas últimas décadas. Estimativas apontam que entre 20% e 30% da força de trabalho mundial exercem atividades em que há uma significativa demanda vocal. Cantores, atores, dubladores, professores, telefonistas e teleoperadores fazem parte dessas estimativas, sendo denominados profissionais da voz^{1,2}.

Entre os profissionais que utilizam a voz como principal instrumento de trabalho, os professores são alvo da maioria das pesquisas, representando, aproximadamente, dois milhões de trabalhadores na educação básica do Brasil³.

A combinação de uso prolongado da voz e fatores de risco ambientais (físicos, químicos e ergonômicos), bem como a própria organização do trabalho contribui para elevar a prevalência de

queixas vocais gerando situações de afastamento e incapacidade para o desempenho de funções, o que implica em custos financeiros e sociais, tanto para as Instituições quanto para governo e sociedade^{4,5}.

O início dos sintomas geralmente é insidioso, predominando ao final da jornada de trabalho e havendo redução destes após repouso noturno ou nos finais de semana. Aos poucos, os sintomas vão se tornando constantes independentemente do uso prolongado da voz, não havendo melhora mesmo com repouso vocal⁶⁻⁸.

A disfonia relacionada ao trabalho também pode estar associada a sintomas de sofrimento mental face às exigências da organização do trabalho. A necessidade de responder a essas exigências, o medo do desemprego, a falta de informação e outras contingências do mundo do trabalho contemporâneo fazem com que o trabalhador suporte esses sintomas e continue trabalhando, até que haja um agravamento do quadro clínico, exigindo intervenção terapêutica mais complexa. Cabe mencionar a existência de Leis sobre Programa de Saúde Vocal do Professor, tanto na esfera Estadual (Mato Grosso do Sul) quanto Municipal, desde

⁽¹⁾ Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Campo Grande, MS, Brasil.

Fonte de auxílio: CAPES

Conflito de interesses: inexistente

2007, que tratam dessa questão, porém de forma incipiente^{9,10}.

Ficar rouco, por um período, decorrente da rotina de trabalho. A aceitação desse fato como se fosse algo natural mostra a falta de informação sobre como a voz dos professores é afetada e sobre como os problemas poderiam ser minimizados ou até evitados, caso esses profissionais tivessem acesso a políticas preventivas, seja na esfera pública ou privada. A realidade mostra que há muito a ser feito quando o assunto é a voz do professor: estudos que deem base científica para o desenvolvimento de projetos e criação de programas que forneçam orientação e terapia, quando necessário. Existem várias iniciativas com esse foco – a Campanha Nacional da Voz é uma delas – mas para melhorias mais profundas e duradouras é preciso avançar mais. Será que, de fato, os professores da Rede Municipal de Ensino de Campo Grande/MS sofrem com problemas de voz? Para construir soluções que garantam a proteção da saúde pública do professor, respostas para pergunta como essa precisariam ser respondidas.

O objetivo desse estudo foi delinear o panorama epidemiológico sobre a voz do professor na Rede Municipal de Ensino de Campo Grande - MS, verificando a prevalência de sintomas vocais autorreferidos nessa população.

■ MÉTODOS

Este estudo foi encaminhado para o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul – CEP/UFMS para análise, sido aprovado pelo Parecer número 320.349/2013. Todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE seguindo a Resolução MS/CNS/CNEP n° 466/12.

Trata-se de um estudo epidemiológico, transversal, descritivo, quantitativo, cujo o fator em estudo foi a presença de sintomas vocais.

Os critérios de Inclusão foram agrupar os docentes que estavam ministrando aulas há pelo menos 6 meses, com contrato de trabalho - CLT e efetivo. Foram excluídos os profissionais cuja função fosse diferente à docência, casos de afastamento, licença e/ou remanejamento funcional.

A pesquisa foi realizada em escolas da Rede Municipal de Ensino que possuíam o ensino fundamental (1o. ao 9o. ano) no período letivo de 2013. Para tanto, das 94 escolas cadastradas na Secretaria Municipal de Educação - Semed/2013 participaram grupos de escolas urbanas estratificadas em sete regiões (Prosa, Bandeira, Anhanduizinho, Lagoa, Segredo, Centro, Imbirussu), sediadas em Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil. A estratificação

foi necessária para que todas as escolas fossem representadas por suas respectivas Regiões-Polo. Para o cálculo amostral utilizou-se o Programa Epi-Info, e a partir de uma população estimada em 4.957 professores (CENSO 2013/SEMED), determinou-se o tamanho da amostra com 400 professores, prevalência de 50%, nível de significância de 5%. Para compensar possíveis perdas ou recusas, houve acréscimo de 10% (50 professores).

Para que as escolas autorizassem a realização do estudo, foi necessário adaptar a coleta de dados de forma a não prejudicar a rotina de trabalho dos participantes. Por essa razão, a medição dos sintomas vocais por meio de uma avaliação otorrinolaringológica ou de gravação das vozes para análise perceptivo-auditiva não pôde ser realizada. Assim, mediu-se a presença de um ou mais sintomas vocais autorreferidos com frequência diária ou semanal.

Os critérios de inclusão na amostra foram agrupar e selecionar os docentes que estavam ministrando aulas há pelo menos 6 meses, com contrato de trabalho e efetivos em sua atividade laboral. Quanto aos critérios de exclusão, foram descartados todos os profissionais cuja função fosse diferente à docência, casos de afastamento, licença e/ou remanejamento funcional.

O instrumento de pesquisa foi constituído de um questionário adaptado, autoaplicável, cuja a unidade de medida refere-se ao modelo de Escala *Likert*, baseado no instrumento elaborado por Ferreira *et al.*(2007). O mesmo instrumento tem sido usado, ainda, como elemento de diagnóstico e sensibilização em Programa desenvolvido pela Prefeitura do Município de São Paulo, SP¹¹. Destaca-se que é de fácil compreensão e preenchimento, além de poder ser utilizado em sua totalidade ou em partes, conforme o interesse do pesquisador em avaliar questões sócio-demográficas, ocupacionais, familiares ou ambientais. Visando cumprir com os objetivos do projeto, retirou-se as questões psicológicas e violência na escola, dando ênfase às questões de saúde geral, ambiente de trabalho, comportamento vocal e hábitos de vida.

Inicialmente realizou-se um pré-teste, constituído de: a) aplicação do questionário em forma de entrevista com 10 indivíduos do grupo do mestrado em Saúde e Desenvolvimento na Região Centro-Oeste da UFMS, a fim de avaliar a adequação de termos e compreensão do instrumento; b) revisão de questões mal compreendidas pelos respondentes; c) aplicação do questionário reformulado no formato autoaplicável. Notou-se que a maioria dos pesquisados no pré-teste obtiveram clareza e assertividade em relação às respostas, exceto nas abertas. O tempo médio de durabilidade para

preenchimento foi de 25 minutos, estando a pesquisadora presente para auxiliar possíveis questionamentos. Facilidades do questionário: predomínio de questões fechadas; linguagem acessível; assuntos separados por temas. Dificuldades encontradas sobre esse instrumento: muito extenso; cinco opções de resposta por item; algumas questões semiabertas.

As seguintes variáveis foram analisadas - I. Perfil dos professores: gênero, idade, estado civil, escolaridade e situação funcional; II. Relação entre o grupo sintomático vocal e problemas de saúde: digestivo, hormonal, coluna, dentário, circulatório, emocional, respiratório e auditivo; III. Relação entre sintomático vocal e hábitos de vida (consumo diário de água, tabagismo, etilismo, sono, atividades de lazer); IV. Relação entre sintomático vocal e aspectos vocais (sensação de desconforto ao falar, tratamentos, nuances da voz ao longo do dia, reação do ouvinte); V. Relação entre sintomático vocal e trabalho: (absenteísmo, satisfação vocal, orientação vocal).

As características amostrais foram descritas em tabelas e figuras. Para comparar variáveis categóricas, utilizou-se o teste do Qui-quadrado, e para variáveis contínuas e com distribuição normal, foi utilizado o teste t de *Student*. Foram considerados significantes os valores de $p < 0,05$. *Odds ratio* (OR) foi utilizado para verificar associações independentes.

■ RESULTADOS

O perfil dos professores, demonstrados na Tabela 1, caracteriza-se como predominantemente: gênero feminino; idade média 39 anos, escolaridade nível superior; estado civil casado; tempo de profissão entre 10 e 20 anos; assintomático vocal; satisfeito com a voz.

Tabela 1 – Perfil da população geral

Variável	%
Gênero	
Feminino	85,0
Masculino	15,0
Escolaridade	
Superior	90,0
Superior Inc.	3,0
Especialista	7,0
Estado civil	
Casado	61,3
Não casado	38,7
Tempo na profissão	
6 meses – 2 anos	6,0
2 – 5 anos	15,5
5 – 10 anos	24,3
10 – 20 anos	38,2
+ de 20 anos	16,0
Satisfeito com a voz	62,1
Insatisfeito com a voz	37,9

As Figuras 1 e 2 revelam os sintomas e as sensações mais citadas entre os professores em geral.

A Tabela 2 apresenta os problemas de saúde geral autorreferidos pelos professores que podem desencadear e/ou agravar a qualidade vocal.

A Tabela 3 demonstra os hábitos deletérios vocais autorreferidos pelos professores sintomáticos vocais.

A Tabela 4 apresenta os hábitos de vida saudáveis autorreferidos pelos professores.

A Tabela 5 revela o que os professores alegaram como preditores do seu problema vocal.

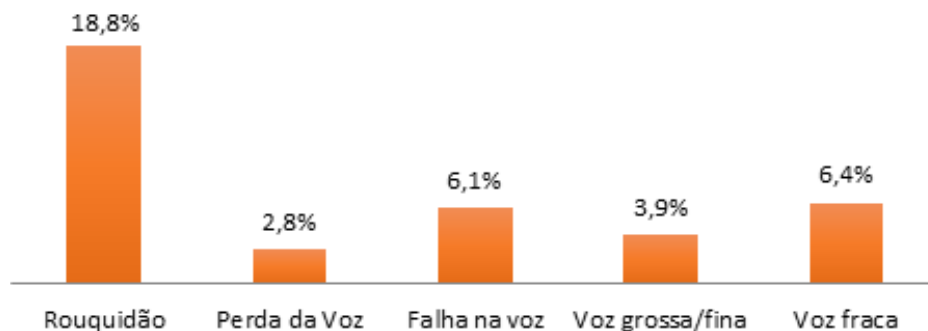


Figura 1 – Sintomas vocais

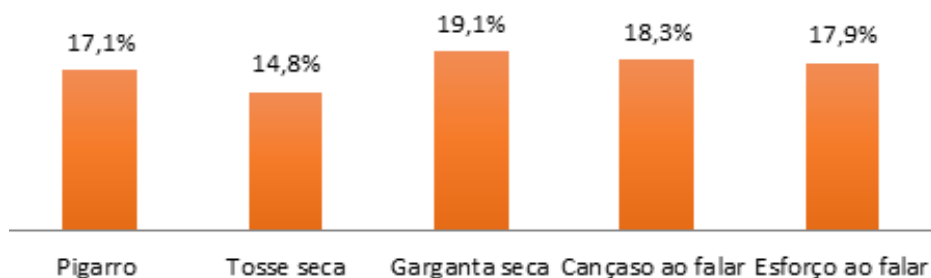


Figura 2 – Sensações na garganta

Tabela 2 – Problemas de saúde geral

Problema		Assintomático	Sintomático	OR	p-Valor
		vocal %	vocal %		
Digestivo	apresenta	66,2	33,8	1,91	0,003*
	não apresenta	82,3	17,7		
Coluna	apresenta	57,5	42,5	2,39	0,001*
	não apresenta	82,2	17,8		
Dentário	apresenta	61,5	38,5	1,98	0,002*
	não apresenta	80,6	19,4		
Emocional	apresenta	55,6	44,4	2,43	0,001*
	não apresenta	81,7	18,3		
Auditivo	apresenta	58,7	41,3	2,49	0,001*
	não apresenta	83,4	16,6		
Respiratório	apresenta	63,4	36,6	2,58	0,001*
	não apresenta	85,8	14,2		
Fala	apresenta	52,4	47,6	3,78	0,001*
	não apresenta	87,4	12,6		
Hormonal	apresenta	66,7	33,3	1,60	0,20
	não apresenta	79,5	20,5		
Circulatório	apresenta	69,1	30,9	1,58	0,10
	não apresenta	80,4	19,6		

*p-valor <0,05.

Teste t de *Student*, significantes os valores de p<0,05.*Odds ratio* (OR) foi utilizado para verificar associações independentes.

Tabela 3 – Hábitos de vida deletérios

Hábito	Frequência	Assintomático	Sintomático	OD	p- Valor
		vocal %	vocal %		
Tabagismo	Apresenta	88,2	11,8	0,55	0,22
	Não apresenta	78,6	21,4		
Etilismo	Apresenta	71,4	28,6	1,37	0,68
	Não apresenta	78,6	21,4		

Teste t de *Student*, significantes os valores de p<0,05.*Odds ratio* (OR) foi utilizado para verificar associações independentes.

Tabela 4 – Hábitos de vida saudáveis

		Assintomático	Sintomático	OD	p-Valor
		%	%		
Água	Bebe	77,7	22,3	0,83	0,53
	bebe pouco	73,2	26,8		
Sono	dorme bem	81,3	18,8	0,64	0,10
	dorme mal	70,8	29,2		
Lazer	tem	77,1	22,9	1,21	0,38
	não tem	81,0	19,0		

Teste t de *Student*, significantes os valores de $p < 0,05$.
Odds ratio (OR) foi utilizado para verificar associações independentes.

Tabela 5 – Professores alegaram como preditores do problema vocal

		Assintomático	Sintomático	OR	p-Valor
		%	%		
Respiratório*	Referido	72,7	27,3	1,39	0,12
	Não referido	80,4	19,6		
Frio	Referido	79,2	20,8	0,93	0,79
	Não referido	77,4	22,6		
Estresse	Referido	70,4	29,6	1,50	0,07
	Não referido	80,3	19,7		
Uso intenso da voz	Referido	68,9	31,1	3,14	0,001*
	Não referido	90,8	9,2		
Barulho	Referido	66,7	33,3	1,66	0,04*
	Não referido	79,9	20,1		

*p-valor $< 0,05$.
 Teste t de *Student*, significantes os valores de $p < 0,05$.
Odds ratio (OR) foi utilizado para verificar associações independentes.

■ DISCUSSÃO

Perfil da População

Conforme a Tabela 1, a composição do grupo de professores deste estudo é semelhante às pesquisas desenvolvidas na área: a maioria do gênero feminino, com ocupação exclusiva às atividades de docência e carga horária de trabalho superior a 20 horas semanais^{12,13}.

Levando-se em consideração que a média de anos de trabalho encontra-se entre 10 e 20 anos, admite-se não haver relação aos ajustes vocais inerentes à fase inicial da carreira. A instalação de uma disfonia permanente ao longo da carreira mostra a cronicidade desta alteração por mau uso ou abuso vocal e não simplesmente uma ocorrência transitória atual¹⁴.

Os professores associaram todos os sintomas vocais ao uso da voz em sala de aula. O uso da voz fora de sala de aula ocorreu para a minoria

dos professores, como nos casos: cuidar de alunos (26,4%), cantar em igreja (18,5%), cantar em coral, aulas particulares (4%), trabalhar com vendas (3,4%), entre outros. Reforça-se a natureza ocupacional dos problemas vocais em docentes. Cabe explicar que as diferenças de ambiente escolar, faixa etária e lotação de alunos, além do tipo de disciplina ministrada, podem predispor à disfonia em tempo menor.

Prevalência de sintomas vocais

De acordo com as Figuras 1 e 2, a prevalência de sintomas vocais referidos em professores da Rede Municipal de Educação de Campo Grande-MS para o ano de 2013 define-se em 21,5% em uma população de 4.957 professores ativos. Ou seja, respeitando o intervalo de confiança, este número projetado da amostra para a população geral da REME, significa, em valor absoluto - 1.066 professores com sintomas vocais indicativos de doença

na laringe e expostos diariamente ao agravamento do quadro instalado. Esse número não inclui a rede estadual e a rede particular de ensino do município. Ratifica-se a média da literatura nacional¹⁵⁻¹⁸ que varia entre 20% e 30%. Na literatura internacional, o percentual varia em maior abrangência¹⁹⁻²², mas a presença de sintomas vocais aparece como unanimidade na classe.

A reciprocidade entre o número de sintomas referidos (21,5%) e o número de sensações na garganta (26,3%) significa que o professor tem consciência de sua voz e sabe detectar sinais e sintomas de problemas vocais.

Os resultados dos professores da REME apontam como principais causas vinculadas ao sofrimento vocal: uso intenso da voz; qualidade de sono ruim; problemas respiratórios (alergias) e auditivos; que serão mais detalhados posteriormente.

Fatores preditores de problemas vocais

Ao analisar os dados da Tabela 2, os problemas digestivos podem estar associados à voz devido às alterações que o refluxo gastroesofágico e azia podem causar à mucosa do trato vocal. O suco gástrico provoca edemas e lesões às células quando em contato na porção alta da laringe, comprometendo a produção vocal. A relação entre refluxo gastroesofágico - RGE e disфония nos professores tem sido estudada nos últimos anos^{23,24}.

Os desvios da coluna, sejam de origem esquelética ou postural – assim como as pressões cervicais ou cervicalgias, geram pontos de tensão na porção glótica que favorecem o desequilíbrio muscular e postural entre as estruturas fonoarticulatórias, isso contribui negativamente para o uso da voz, gerando uma qualidade vocal tensa, comprimida^{25,26}.

O aspecto emocional predispõe à disфония psicogênica ou hiperfuncional, que são alterações somatizadas ao desgaste psicológico. Em sala de aula, devido ao conflito com alunos ou direção escolar, o quadro pode iniciar com rouquidão, instabilidade fonatória ou afonia de conversão, que incide de forma abrupta. É reversível, porém requer acompanhamento especializado fonoaudiológico e psicológico^{27,28}.

Para justificar o problema auditivo faz-se necessário uma investigação clínica nos professores sintomáticos auditivos para diagnosticar o tipo e o grau da hipoacusia. Uma hipótese que justificaria tal problema seria a presença do ruído ambiental em sala de aula que proporciona desconforto auditivo. Esse assunto será melhor elucidado posteriormente.

Os problemas respiratórios (36,6% dos professores sintomáticos vocais) estão diretamente associados aos sintomas vocais. O aparelho

fonador constitui-se do equilíbrio de dois sistemas: mastigatório (articulação) e respiratório (forças: aerodinâmica e mioelástica). Quando o professor respira mal, o tempo de fonação fica comprometido e isso acarreta cansaço ao falar. A projeção da voz ou ressonância também sofre perda da qualidade e, ao longo da jornada de trabalho, o profissional sobrecarrega todo o trato vocal^{29,30}.

Em relação aos problemas de fala a necessidade de se fazer entender, põe o professor, que sente dificuldade em se expressar com fluidez, em situação tendenciosa a repetições constantes, o que gera sobrecarga ao trabalho fonatório. As distorções dos sons da fala podem associar-se também às alterações das estruturas dentárias e a maloclusão³¹, uma vez que essas são relatadas como fatores etiológicos das distorções fonéticas, tendo como fonemas mais afetados os linguodentais, alveolares e labiodentais.

Hábitos de vida

A Tabela 3 demonstra a presença de hábitos de vida deletérios entre os professores sintomáticos vocais - tabagismo (11,8%) e etilismo (28,6%) – e observou-se que não houve diferença estatística significativa. Os achados dessa pesquisa corroboram os dados da Organização Mundial de Saúde (OMS), onde estima-se que 15% da população mundial apresenta tabagismo e/ou etilismo. A baixa referência de hábitos deletérios reflete positivamente na qualidade de vida e voz do professor e pode ser justificada como resposta às Campanhas Nacionais antifumo e álcool, como também pelo aumento da vigência de Leis restritivas ao seu consumo^{32,33}.

Em relação à Tabela 4, que demonstra a presença de hábitos de vida saudáveis entre os professores sintomáticos vocais, observou-se: ingestão de água diária próxima de 2 litros (22,3%), sono com duração de 6 horas a 8 horas por dia (18,8%) e prática de lazer (22,9%). Nota-se que não houve diferença estatística entre os sintomáticos vocais. Isso quer dizer que as variáveis: água e lazer não foram determinantes dos problemas vocais neste estudo. Isso reflete positivamente para a saúde vocal do professor.

É preciso relatar que apesar de 81,5% dos professores amostrados referirem que dormem em média de 6 a 8 horas por dia, 69% declararam não acordar descansados. Ou seja, o hábito do descanso fisiológico diário existe, mas a sua qualidade está comprometida. O cansaço físico inibe os movimentos corporais. Na voz, observa-se pouca abertura de boca, baixa projeção, imprecisão articulatória e redução do tempo máximo de fonação. A variação dessa porcentagem pode ser explicada

por inúmeros fatores, seja de ordem econômica, social/familiar ou própria do indivíduo^{34,35}.

Os distúrbios do sono são comuns na vida moderna, entre professores tem sido vinculado ao estresse. Um estudo de doutoramento na área de Psicologia Social pela Universidade de São Paulo – USP, em 2011, pesquisou 165 professores de Poços de Caldas para avaliar o impacto do estresse na saúde do professor e na qualidade do sono. Os dados revelaram que 59% dos professores apresentam estresse, a maioria na fase de resistência (39%) e com prevalência do estresse psicológico. Além disso, indicaram que 46,7% dos professores são maus dormidores, evidenciando associação entre os sintomas físicos e psicológicos para o estresse e o distúrbio do sono. O estudo da USP revelou a importância da investigação do estresse e do sono na prevenção de transtornos na saúde mental do professor e consequências sociais no trabalho e na qualidade de vida²⁸.

Refletindo sobre o hábito de hidratação, esse é um dos principais promotores da qualidade vocal, assim como o descanso e as atividades antiestresse (lazer). É correto dizer que esse hábito pode não ser o único motivo da eufonia, mas contribui potencialmente para a promoção e manutenção da mesma. A entrada de fluido por via oral, como também, a umidade ambiental e a ação dos medicamentos atuam sobre a qualidade das secreções. Além disso, a hidratação promove maior diferença na diminuição da pressão inicial para a fonação – PTP - do *pitch* alto, facilitando a fonação^{36,37}.

Aspectos vocais

A Tabela 5 demonstra que os professores entendem que a origem do problema vocal (seja no passado ou no momento presente) está associada, estatisticamente, a fatores como: exposição ao barulho (33,3%) e uso intenso vocal (31,1%). O estudo pôde concluir que os professores apontam múltiplos preditores de problemas vocais, no presente e no passado, e relacionam predominantemente o seu problema vocal ao uso intenso da voz no trabalho; além disso, percebem que o ruído ambiental em sala de aula afeta sua eficiência na comunicação.

Sobre o ruído em sala de aula, observou-se que a acústica das salas está comprometida, pois não há padronização, a nível estrutural, seja para a projeção do som, seja para o abafamento do ruído; além disso, o excedente número de alunos em sala agrava o problema acústico. O nível de ruído aceitável para salas de aula varia entre 40 e 50 dB(A), sendo que valores acima desta faixa são considerados nocivos à saúde³⁸. Os ruídos intensos dificultam a comunicação verbal, acarretando o

aumento da tensão psicológica e diminuição do nível de atenção. Quanto maior o nível de ruído, maior será a intensidade vocal aplicada para tentar compensá-lo. A voz deve ter no mínimo 10 dB(A) a mais que o nível de ruído ambiental³⁹. Em alguns estudos, os valores médios do ruído ambiental no interior das salas de aula variaram de 56 dB(A) a 94,1 dB(A)^{39,40}.

Questão sobre tratamento vocal

Dentre os professores que declararam sofrer de problemas vocais, 71% não realizaram tratamento, 26% já realizaram tratamento e 3% estão realizando tratamento. Esses dados ratificam a necessidade de aumentar a atenção à saúde docente, visto que mesmo consciente de haver um problema vocal, o professor em sua expressiva maioria não procurou tratamento. Provavelmente outros fatores também estão envolvidos, tais como: as dificuldades de acesso imediato aos serviços de saúde e a necessidade de continuar nas atividades profissionais mesmo com um problema de voz evidente.

Questão sobre tipos de tratamento vocal

Dos professores que buscaram algum tipo de tratamento, evidenciou-se que: 48,9% realizaram terapia fonoaudiológica; 52,3% usaram medicamento; 4,5% submeteram-se a processo cirúrgico e 5,7% procuraram modos paliativos de solucionar o problema vocal. Ainda predomina o uso de medicamento para o tratamento da voz.

Questão sobre gravidade do problema vocal

Quanto à gravidade do problema vocal, constatou-se: 39,1% discreta; 35,7% moderada; 12,3% severa; 12,3% não souberam dizer. Isso implica dizer que somando o percentual moderado ao severo, a proporção ultrapassa os demais; indicativo de quadro de repercussão importante na função vocal. Nesse caso, além do professor notar o problema vocal, as pessoas ao seu redor também notam e isso pode trazer restrições ao processo comunicativo.

Questão sobre absenteísmo no trabalho

Entre os professores amostrados, 18,6% declararam ter faltado ao trabalho devido à alteração na voz. Refletindo sobre saúde pública, o ônus de trabalhadores desenvolvendo suas atividades devido ao fator vocal mostra um cenário preocupante, seja do ponto de vista econômico, laboral ou sócio-educativo.

Questão sobre orientação vocal

Sobre a questão orientação sobre cuidados com a voz, 44,3% dos professores amostrados referiram não ter recebido nenhum tipo de instrução sobre o assunto; e 55,4% afirmaram ter recebido tal orientação. A falta de uniformidade nas respostas reflete que o professor está inserido em diferentes contextos de trabalhado. A profilaxia das disfonias começa no nível de conhecimento dos professores sobre higiene vocal.

■ CONCLUSÃO

Existe um importante percentual de professores sintomáticos vocais na Rede Municipal de Ensino de Campo Grande, MS, Brasil. Os preditores de sintomas vocais mais expressivos foram: problemas de fala, problemas de respiração e problemas de

audição, indicando que o sistema comunicativo do professor está alterado e merece especial atenção no processo de profilaxia, diagnóstico e reabilitação vocal.

Apesar do hábito saudável - sono - ser apresentado em alto percentual, os professores demonstraram ser maus dormidores no aspecto qualitativo, o que pode contribuir negativamente para a sua qualidade de vida e voz.

Os professores têm conhecimento parcial sobre a origem do problema vocal.

A satisfação com a própria voz varia para aceitação nos assintomáticos e rejeição nos sintomáticos. Há relação entre autoimagem vocal e qualidade vocal.

Existe a necessidade real da implementação do programa sobre saúde vocal do professor na REME de Campo Grande – MS.

ABSTRACT

Purpose: to describe the epidemiological overview of the teacher's voice at Municipal Network Teaching in Campo Grande / MS, checking the prevalence of voice problems in this population. **Methods:** this is a cross-sectional, descriptive and quantitative study. Among the 4.957 registered teachers in Semed / 2013, 394 participated. All seven urban areas of the municipality (Prosa, Bandeira, Anhanduizinho, Lagoa, Segredo, Centro, Imbirussu) were sampled. To collect the data we used the protocol Ferreira et al., adapted, using as the measuring method the Likert scale. **Results:** high prevalence of vocal symptoms. Teachers had multiple symptoms related to the use of voice at work and realized the adverse effects on their professional performance. **Conclusion:** the seriousness of the teacher's voice problems experienced in daily speech therapy services and the Municipal Education Network was revealed in significant numbers in this research.

KEYWORDS: Public Health; Education; Voice; Faculty; Speech, Language and Hearing Sciences

■ REFERÊNCIAS

1. Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia. Departamento de voz. Seção: Mal pode virar doença ocupacional. 2013 [acesso em 2013 set 22]. Disponível em: [http://www.sbfaf.org.br/portal/depto_titulo.php?id=3&ttpg_comissao=VOZ&ttpg=Mal pode virar uma doença ocupacional&tpc=cinza](http://www.sbfaf.org.br/portal/depto_titulo.php?id=3&ttpg_comissao=VOZ&ttpg=Mal%20pode%20virar%20uma%20doen%C3%A7a%20ocupacional&tpc=cinza)
2. Academia Brasileira de Laringologia e Voz. Campanha da Voz 2014. [acesso em 2014 abr 16]. Disponível em: <http://www.ablv.com.br>
3. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Censo 2012. [acesso em 2012 out 10]. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/basica-censo>
4. Ferreira LP. Condições de produção vocal de professores da rede do município de São Paulo. Rev Distúrb Comum. 2003;14(1):275-308.
5. Giannini SPP. Distúrbio de voz relacionado ao trabalho docente: um estudo caso-controle. CoDAS. 2013;25(6):566-76.
6. Dragone MLS, Ferreira LP, Giannini SPP, Simões-Zenari M, Vieira VP, Behlau M. Voz do professor: uma revisão de 15 anos de contribuição fonoaudiológica. Rev Soc Bras Fonoaudiol. 2010;15(3):289-96.
7. Costa HO. Distúrbios da voz relacionados ao trabalho. In: Mendes R (org.) Patologia do trabalho. São Paulo: Atheneu; 2003.
8. Araújo TM, Carvalho, FM. Condições de trabalho docente e saúde na Bahia: estudos epidemiológicos. Educ. Soc. 2009;30(107):427-49.

9. Campo Grande. LEI no. 4.479, de 15 de julho de 2007. Criação Programa Municipal Saúde Vocal. Câmara Municipal de Campo Grande-MS. Diário Oficial do Estado de Mato Grosso do Sul. [acesso em 2012 ago 28]. Disponível em: <http://www.camara.ms.gov.br/?secao=noticia&id=164189>
10. Mato Grosso do Sul. LEI no. 2.198, de 20 de dezembro de 2000, Promulgada em 2007. Diário Oficial do Estado de Mato Grosso do Sul. Criação Programa Estadual Saúde Vocal. [acesso em 2012 jul 02]. Disponível em: http://www.sbfa.org.br/portal/voz_profissional/leis.pdf
11. Ferreira LP, Giannini SPP, Latorre MRDO, Zenari MS. Distúrbio da voz relacionado ao trabalho: proposta de um instrumento para avaliação de professores. *Rev Dist Comun.* 2007;19(1):127-37.
12. Hermes EGC, Alves MP, Meireles A, Araújo C, Federici M, Boemer B.; Pereira, T. Qualidade vocal da população atendida na Campanha Nacional da Voz 2011- MT. In: 8º. Congresso Internacional de Fonoaudiologia. 2011. Anais eletrônicos. p. 103. [acesso em 2011 abr 9]. Disponível em: www.sbfa.org.br/portal/suplementorsbfa
13. Lima MFEM. Condições de trabalho e saúde do professor universitário. Centro de Ciências Humanas e Sociais/UFMS. *Rev Ciências & Cognição.* 2009;14(3):62-82.
14. Behlau MS, Zambon F, Guerrieri AC, Roy N. Panorama epidemiológico sobre a voz do professor no Brasil. Anais do 17º Congresso Brasileiro de Fonoaudiologia. 1º Congresso Íbero-Americano de Fonoaudiologia. *Rev Soc Bras Fonoaudiol* [Internet]. Suplemento 2009: 1511. [citado 2009 Dez 1]. Disponível em: http://www.sbfa.org.br/portal/anais2009/anais_select.php?op=PR&cid=1511&tid=1
15. Lima-Silva MFB, Ferreira LP, Silva MAA, Ghirardi ACAM. Distúrbio de voz em professores: autorreferência, avaliação perceptiva da voz e das pregas vocais. *Rev Soc Bras Fonoaudiol.* 2012;17(4):391-7.
16. Giannini SPP, Latorre MRDO, Ferreira LP. Voice disorders (Dysphonia) in public school female teachers working in Belo Horizonte: prevalence and associated factors. *J Voice.* 2010;15(3):475-9.
17. Provenzano LCFA, Sampaio TMM. Prevalence of vocal dysfunction in teachers from the state education-licensed from classroom. *Rev CEFAC.* 2010;12(1):97-108.
18. Bacha SMC, Camargo AAFP, Brasil MLR. Incidência de Disfonia em professores de pré-escola do ensino regular da rede particular de Campo Grande/MS. *Pró-Fono R Atual Cient.* 1999;11(2):8-14.
19. Preciado-López J, Pérez-Fernández CP, Preciado-Ruiz P. Epidemiological study of voice disorders among teaching professionals of La Rioja, Spain. Department of Otorhinolaryngology, Hospital San Millán, San Pedro y de La Rioja, Logroño, Spain. *J Voice.* 2008;22(4):489-508.
20. Van Houtte E, Claeys S, Wuyts F, Lierde KV. The Impact of Voice Disorders among Teachers: vocal complaints, treatment-seeking behavior, knowledge of vocal care, and voice-related absenteeism. Department of Otolaryngology and Head and Neck Surgery, University Hospital Ghent, Belgium. *J Voice.* 2011; 25(5):570-5.
21. Simberg S, Laine A, Sala E, Ronnema AM. Prevalence of voice disorders among future teachers. *J Voice.* 2000;14(2):231-5.
22. Masuda T. Analysis of vocal abuse: fluctuations in phonation time and intensity in 4 groups of speakers. *Acta Otolaryngol (Stockh).* 1993;113(4):547-52.
23. Burati DAC, Eckley C, Costa H. Doença do Refluxo Gastroesofágico: análise de 157 pacientes. *Rev Bras Otorrinolaringol.* 2003;69(4):458-62.
24. Bruneto B, Oyárzun R, Mella L, Avila S. Mitos Y realidades de La disfonia profesional. *Rev Otorrinolaringol Cir Cabeza Cuello.* 1986;46:115-20.
25. Hermes EGC, Nakao M. Educação vocal na formação do docente. *Fonoaudiol Bras.* 2003;2(3):48-59.
26. Pinho MSR. Fundamentos em laringologia e voz. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 2003.
27. Rechenberg L, Goulart BNG, Roithmann R. Impacto da atividade laboral de teleatendimento em sintomas e queixas vocais – estudo analítico. *J Soc Bras Fonoaudiol.* 2011;23(4):301-7.
28. Valle LELR, Malvezzi S. Estresse e distúrbio do sono no desempenho de professores: saúde mental no trabalho. [Tese]. São Paulo (SP): Universidade de São Paulo, Faculdade de Psicologia, Doutorado em Psicologia Social; 2011.
29. Mestre L, Merlin E. Adoecimento vocal em professores. Anais do XVI Encontro de iniciação Científica da PUC. Setembro 2009;29-30, Campinas.
30. Viikman E. Voice Problems at Work: a Challenge for Occupational Safety and Health Arrangement. *Folia Phoniatr Logop.* 2000;52(1-3):120-5.
31. Carelli EG, Sá MOSM. Análise fonética em portadores de alterações dentárias. *Rev Fono Atual.* 2001;4(15):39-42.
32. Viikman E. Occupational safety and health aspectos of voice and speech professions. *Folia Phoniatr Logop.* 2004;56(4):220-53.
33. Williams NR. Occupational groups at risk of voice disorders: a review of the literature. *Rev Occupational Medicine.* 2003;53(7):456-60.
34. Yiu EML. Impact and prevention of voice problems in the teaching profession: embracing the consumer's view. *J Voice.* 2002;16(2):215-29.

35. Colton RH, Casper JK. Compreendendo os problemas de voz: uma perspectiva fisiológica ao diagnóstico e ao tratamento. Porto Alegre: Artes Médicas; 1996.
36. Sataloff RT. World Voice Day 2012. [Editorial] *Ear, Nose and Throat Journal*. 2012;91(2):52.
37. Thompson AR. Pharmacological agents with effects on voice. *Am J Otolaryngol*. 2005;16(1):12-8.
38. Associação Brasileira de Normas e Técnicas. NBR 10152: Níveis de ruído para conforto acústico. [acesso em 2014 out 03]. Disponível em: <http://www.abntcatalogo.com.br/norma.aspx?ID=4564>
39. Silvério KCA, Gonçalves CGO, Penteadó RZ, Vieira TPG, Libardi A, Rossi D. Ações em saúde vocal: proposta de melhoria do perfil vocal de professores. *Pró-Fono R Atual. Cient*. 2008;20(3):177-82.
40. Ijuim JMO, Lacerda CBF. A presença de ruído ambiental e a qualidade da voz do professor em uma escola cenequista. 2006. [Dissertação]. Piracicaba (SP): Universidade Metodista de Piracicaba, Mestrado em Educação; 2006.

<http://dx.doi.org/10.1590/1982-021620151751215>

Recebido em: 26/01/2015

Aceito em: 27/05/2015

Endereço para correspondência:

Elisangela Giroto Carelli Hermes

Av. Senador Filinto Muller, s/n

Cidade Universitária - Universidade Federal do

Mato Grosso do Sul

Campo Grande – MS – Brasil

CEP: 79000-100

E-mail: elisangela.giroto@gmail.com

■ APÊNDICE - MODELO DO QUESTIONÁRIO ADAPTADO – BASTOS, HERMES (2013)**I. IDENTIFICAÇÃO DO QUESTIONÁRIO**

1	Código do entrevistado (não preencher):
2	Escola:
3	Data: / /

II. IDENTIFICAÇÃO DOS ENTREVISTADOS

4	Nome:		
5	Data de nascimento: / /		
6	Sexo: 0. () feminino 1. () masculino		
7	Estado Civil:		
	1. () solteiro	3. () separado, desquitado ou divorciado	
	2. () casado ou qualquer forma de união	4. () viúvo	
8	Escolaridade:		
	1. () superior completo; curso:	4. () médio completo	6. () fundamental completo
	2. () superior em andamento; curso:	5. () médio incompleto	7. () fundamental incompleto
	3. () superior incompleto		8. () outro:

III. SITUAÇÃO FUNCIONAL

9	Há quanto tempo você é professor?				
10	Em quantas escolas você já trabalhou em toda sua carreira?				
11	Em quantas escolas você trabalha atualmente?				
12	Além da escola, trabalha em outro local?	0. () não	1. () sim		
	12.1 Se sim; onde trabalha e o que faz?				
13	Há quanto tempo você atua nesta escola?				
14	A escola é	Municipal	Estadual	Federal	Particular
	1. () educação infantil				
	2. () ensino fundamental				
	3. () ensino médio				
	4. () ensino superior				
15	Qual o seu vínculo na escola?				
	1. () Professor efetivo	5. () Coordenador pedagógico			
	2. () Professor substituto	6. () Assistente de diretoria			
	3. () Professor readaptado temporariamente	7. () Diretor			
	4. () Professor readaptado definitivamente	8. () Outros. Qual?			
	4.1. Se readaptado, por qual motivo?				
	4.2. Se readaptado, há quanto tempo?				
16	Qual(is) atividade(s) você desempenha atualmente na escola?				
	1. () leciona	5. () responsável pelo planejamento pedagógico			
	2. () faz trabalho administrativo	6. () é responsável pela biblioteca			
	3. () cuida do recreio/entrada	7. () outro. Qual?			
	4. () atende público				
17	Quantas horas por semana você permanece com os alunos ?				
	1. () menos de 10 horas	4. () de 30 a 40 horas			
	2. () de 10 a 20 horas	5. () mais de 40 horas			
	3. () de 20 a 30 horas	6. () não atuo com alunos			
18	Seu ambiente de trabalho é calmo?				
	0. () nunca 1. () raramente 2. () às vezes 3. () sempre 4. () não sei				
19	Você tem bom relacionamento com:				
	1. seus colegas	0. () nunca	1. () raramente	2. () às vezes	3. () sempre 4. () não sei
	2. a direção da escola	0. () nunca	1. () raramente	2. () às vezes	3. () sempre 4. () não sei
	3. os alunos	0. () nunca	1. () raramente	2. () às vezes	3. () sempre 4. () não sei
	4. os pais dos alunos	0. () nunca	1. () raramente	2. () às vezes	3. () sempre 4. () não sei
20	Você tem liberdade para planejar e desenvolver as atividades?				
	0. () nunca 1. () raramente 2. () às vezes 3. () sempre 4. () não sei				
21	Há supervisão constante?				
	0. () nunca 1. () raramente 2. () às vezes 3. () sempre 4. () não sei				
22	O ritmo de trabalho é estressante?				
	0. () nunca 1. () raramente 2. () às vezes 3. () sempre 4. () não sei				
23	Você tem tempo para desenvolver todas suas atividades na escola?				
	0. () nunca 1. () raramente 2. () às vezes 3. () sempre 4. () não sei				
24	Você costuma levar trabalho para casa?				
	0. () nunca 1. () raramente 2. () às vezes 3. () sempre 4. () não sei				
25	Existe local adequado para descanso dos professores na escola? 0. () não 1. () sim				
26	Em caso de necessidade, você tem facilidade para se ausentar da sala?				
	0. () nunca 1. () raramente 2. () às vezes 3. () sempre 4. () não sei				
	Quanto ao ambiente físico da escola:				

IV. ASPECTOS DE SAÚDE GERAL

56	Em relação ao seu estado geral de saúde, você costuma ter:	
	1. problemas digestivos	
	1.1. azia	0. () nunca 1. () raramente 2. () às vezes 3. () sempre 4. () não sei
	1.2. refluxo	0. () nunca 1. () raramente 2. () às vezes 3. () sempre 4. () não sei
	1.3. gastrite	0. () nunca 1. () raramente 2. () às vezes 3. () sempre 4. () não sei
	1.4. outro:	0. () nunca 1. () raramente 2. () às vezes 3. () sempre 4. () não sei
	2. problemas hormonais	
	0. () nunca 1. () raramente 2. () às vezes 3. () sempre 4. () não sei	
	Se sim, qual/quais?	
	3. problemas na coluna	
	0. () nunca 1. () raramente 2. () às vezes 3. () sempre 4. () não sei	
	Se sim, qual/quais?	
	4. problemas dentários	
	0. () nunca 1. () raramente 2. () às vezes 3. () sempre 4. () não sei	
	Se sim, qual/quais?	
	5. problemas circulatórios	
	0. () nunca 1. () raramente 2. () às vezes 3. () sempre 4. () não sei	
	Se sim, qual/quais?	
	6. problemas emocionais	
	0. () nunca 1. () raramente 2. () às vezes 3. () sempre 4. () não sei	
	Se sim, qual/quais?	
	Se sim, faz tratamento?	
	0. () não 1. () sim, psiquiátrico 2. () sim, psicoterápico 3. () outro	
	7. problemas respiratórios	
	7.1. rinite	0. () nunca 1. () raramente 2. () às vezes 3. () sempre 4. () não sei
	7.2. sinusite	0. () nunca 1. () raramente 2. () às vezes 3. () sempre 4. () não sei
	7.3. amigdalite	0. () nunca 1. () raramente 2. () às vezes 3. () sempre 4. () não sei
	7.4. faringite	0. () nunca 1. () raramente 2. () às vezes 3. () sempre 4. () não sei
	7.5. laringite	0. () nunca 1. () raramente 2. () às vezes 3. () sempre 4. () não sei
	7.6. bronquite	0. () nunca 1. () raramente 2. () às vezes 3. () sempre 4. () não sei
	7.7. asma	0. () nunca 1. () raramente 2. () às vezes 3. () sempre 4. () não sei
	7.8. resfriados	0. () nunca 1. () raramente 2. () às vezes 3. () sempre 4. () não sei
	7.9. outros	0. () nunca 1. () raramente 2. () às vezes 3. () sempre 4. () não sei
	Se sim, qual/quais?	
	8. problemas de audição	
	8.1. dificuldade para ouvir	0. () nunca 1. () raramente 2. () às vezes 3. () sempre 4. () não sei
	8.2. dor de ouvido	0. () nunca 1. () raramente 2. () às vezes 3. () sempre 4. () não sei
	8.3. incômodo a sons ou ruídos	0. () nunca 1. () raramente 2. () às vezes 3. () sempre 4. () não sei
	8.4. zumbido	0. () nunca 1. () raramente 2. () às vezes 3. () sempre 4. () não sei
	8.5. tonturas/vertigens	0. () nunca 1. () raramente 2. () às vezes 3. () sempre 4. () não sei
	9. outros problemas de saúde	
	0. () nunca 1. () raramente 2. () às vezes 3. () sempre 4. () não sei	
	Se sim, qual/quais?	
57	Você apresenta problema na fala ?	0. () não 1. () sim
	Se sim, que problema é esse?	
58	Quanto à sua menstruação	
	1. você tem tensão pré-menstrual	0. () nunca 1. () raramente 2. () às vezes 3. () sempre 4. () não sei
	2. o ciclo é regular	0. () nunca 1. () raramente 2. () às vezes 3. () sempre 4. () não sei
	3. você está na menopausa	0. () não 1. () sim 2. () não menstruo por outras razões
	4. você faz reposição hormonal	0. () não 1. () sim
59	Você toma medicamentos ?	0. () nunca 1. () raramente 2. () às vezes 3. () sempre 4. () não sei
	Se assinalou sempre na questão anterior, informe quais são e para que servem os medicamentos que toma?	

60	Você fuma ?	0. () não 1. () sim
	Se sim, 1. Quantos cigarros consome por dia, em média? 2. Há quanto tempo tem este hábito?	
61	Você já fumou?	0. () não 1. () sim
	Se sim, 1 Fumava quantos cigarros por dia? 2 Há quanto tempo parou?	
62	Você consome bebida alcoólica ?	0. () nunca 1. () raramente 2. () às vezes 3. () sempre 4. () não sei
	Se sim, 1. Que tipo de bebida? 2. Quanto consome, em média, por semana?	
63	Você costuma beber água durante o dia?	0. () não 1. () sim
	1. Além de água, você costuma beber outros líquidos (café, chá, suco, refrigerantes, etc.) durante o dia? 0. () nunca 1. () raramente 2. () às vezes 3. () sempre 4. () não sei	
	2. Quantos copos ingere, em média, de água ou outros líquidos por dia?	
64	Quanto aos seus hábitos alimentares :	
	1. Quantas refeições você faz por dia?	
	2. Você costuma se alimentar em horários regulares? 0. () nunca 1. () raramente 2. () às vezes 3. () sempre 4. () não sei	
	3. Você evita algum tipo de alimento? 0. () nunca 1. () raramente 2. () às vezes 3. () sempre 4. () não sei	
	Se sim, qual (is) dos alimentos relacionados abaixo você costuma evitar?	
	3.1. () alimentos duros (por exemplo, carne, cenoura crua)	3.3. () alimentos condimentados (muito temperados)
	3.2. () alimentos gordurosos	3.4. () alimentos derivados do leite
	3.5. () outros, qual(is)?	
	4. Ao abrir a boca ou mastigar, você nota:	
	4.1. estalos	0. () nunca 1. () raramente 2. () às vezes 3. () sempre 4. () não sei
	4.2. sensação de areia	0. () nunca 1. () raramente 2. () às vezes 3. () sempre 4. () não sei
	4.3. desvio de queixo	0. () nunca 1. () raramente 2. () às vezes 3. () sempre 4. () não sei
	4.4. dificuldade para abrir a boca ou morder o alimento	0. () nunca 1. () raramente 2. () às vezes 3. () sempre 4. () não sei
	5. Quanto tempo antes de dormir você faz sua última refeição? 1. () até 30 minutos 2. () entre 31 e 60 minutos 3. () mais de uma hora	
65	Quanto ao seu sono :	
	1. Quantas horas, em média, você dorme à noite?	
	2. Você costuma acordar durante a noite? 0. () nunca 1. () raramente 2. () às vezes 3. () sempre 4. () não sei	
	3. Você acorda descansado? 0. () nunca 1. () raramente 2. () às vezes 3. () sempre 4. () não sei	
66	Em relação às atividades de lazer , assinale a frequência com que costuma freqüentar os locais abaixo:	
	1. clube	0. () nunca 1. () raramente 2. () às vezes 3. () sempre 4. () não sei
	2. casa de amigos	0. () nunca 1. () raramente 2. () às vezes 3. () sempre 4. () não sei
	3. shopping center	0. () nunca 1. () raramente 2. () às vezes 3. () sempre 4. () não sei
	4. igreja	0. () nunca 1. () raramente 2. () às vezes 3. () sempre 4. () não sei
	5. parques	0. () nunca 1. () raramente 2. () às vezes 3. () sempre 4. () não sei
	6. cinema ou teatro	0. () nunca 1. () raramente 2. () às vezes 3. () sempre 4. () não sei
	7. barzinhos	0. () nunca 1. () raramente 2. () às vezes 3. () sempre 4. () não sei
	8. locais para dançar	0. () nunca 1. () raramente 2. () às vezes 3. () sempre 4. () não sei
	9. academia de ginástica	0. () nunca 1. () raramente 2. () às vezes 3. () sempre 4. () não sei
	10. praia / sítio	0. () nunca 1. () raramente 2. () às vezes 3. () sempre 4. () não sei
	11. outros	0. () nunca 1. () raramente 2. () às vezes 3. () sempre 4. () não sei

V – ASPECTOS VOCAIS

67	Você tem ou já teve alteração na sua voz?		0. () não	1. () sim, tive	2. () sim, tenho	
68	Se você tem alteração na voz, há quanto tempo esta alteração está presente? 1. () 0 a 5 meses 2. () 6 meses a 11 meses 3. () 1 a 2 anos 4. () 3 a 4 anos 5. () mais de 4 anos					
69	Se você teve/tem alteração de voz, em sua opinião, o que a causou :					
	1. () uso intensivo da voz	6. () exposição ao frio				
	2. () infecção respiratória	7. () exposição ao barulho				
	3. () alergia	8. () não houve causa aparente				
	4. () estresse	9. () não sei				
	5. () gripe constante	10. () outros, qual/quais?				
70	Se você tem/teve alteração de voz, realizou/realiza tratamento especializado para este problema? 0. () não 1. () sim, já realizei 2. () sim, realizo					
	Se sim, que tipo de tratamento foi/é esse?					
	1. () terapia fonoaudiológica	3. () cirurgia				
	2. () uso de medicamentos.	4. () outros. Quais?				
	Se sim, qual/quais?					
71	Se você teve/tem alteração de voz, o início do problema foi: 1. () brusco 2. () progressivo 3. () vai e volta					
72	Se você teve/tem alteração de voz, esta tem: 1. () se mantido igual 2. () melhorado 3. () piorado					
73	Se você teve/tem alteração de voz, como a definiria? 1. () alteração discreta 2. () alteração moderada 3. () alteração severa 4. () não sei					
74	Sua voz ao longo do dia costuma estar:					
	1. () rouca pela manhã e vai melhorando	4. () rouca de manhã, vai melhorando e à noite volta a piorar				
	2. () melhor de manhã e vai piorando	5. () a noite a voz não sai				
	3. () de manhã a voz não sai	6. () sem alteração				
75	Como as pessoas reagem quando escutam você falando?					
	1. () referem alteração de voz constante	5. () confundem sua idade				
	2. () se espantam com sua voz	6. () perguntam qual é o problema				
	3. () não entendem o que você diz	7. () nenhuma reação				
	4. () confundem seu sexo	8. () outros. Quais?				
76	Quais sintomas vocais você tem atualmente?					
	1. rouquidão	0. () nunca	1. () raramente	2. () às vezes	3. () sempre	4. () não sei
	2. perda da voz	0. () nunca	1. () raramente	2. () às vezes	3. () sempre	4. () não sei
	3. falha na voz	0. () nunca	1. () raramente	2. () às vezes	3. () sempre	4. () não sei
	4. falta de ar	0. () nunca	1. () raramente	2. () às vezes	3. () sempre	4. () não sei
	5. voz fina	0. () nunca	1. () raramente	2. () às vezes	3. () sempre	4. () não sei
	6. voz grossa	0. () nunca	1. () raramente	2. () às vezes	3. () sempre	4. () não sei
	7. voz variando grossa / fina	0. () nunca	1. () raramente	2. () às vezes	3. () sempre	4. () não sei
	8. voz fraca	0. () nunca	1. () raramente	2. () às vezes	3. () sempre	4. () não sei
	9. outros	0. () nunca	1. () raramente	2. () às vezes	3. () sempre	4. () não sei
	Quais?					
77	Quais sensações relacionadas à garganta e à voz você tem atualmente?					
	1. picada na garganta	0. () nunca	1. () raramente	2. () às vezes	3. () sempre	4. () não sei
	2. areia na garganta	0. () nunca	1. () raramente	2. () às vezes	3. () sempre	4. () não sei
	3. bola na garganta	0. () nunca	1. () raramente	2. () às vezes	3. () sempre	4. () não sei
	4. pigarro	0. () nunca	1. () raramente	2. () às vezes	3. () sempre	4. () não sei
	5. tosse seca	0. () nunca	1. () raramente	2. () às vezes	3. () sempre	4. () não sei
	6. tosse com catarro	0. () nunca	1. () raramente	2. () às vezes	3. () sempre	4. () não sei
	7. dor ao falar	0. () nunca	1. () raramente	2. () às vezes	3. () sempre	4. () não sei
	8. dor ao engolir	0. () nunca	1. () raramente	2. () às vezes	3. () sempre	4. () não sei
	9. dificuldade para engolir	0. () nunca	1. () raramente	2. () às vezes	3. () sempre	4. () não sei
	10. ardor na garganta	0. () nunca	1. () raramente	2. () às vezes	3. () sempre	4. () não sei
	11. secreção / catarro na garganta	0. () nunca	1. () raramente	2. () às vezes	3. () sempre	4. () não sei
	12. garganta seca	0. () nunca	1. () raramente	2. () às vezes	3. () sempre	4. () não sei
	13. cansaço ao falar	0. () nunca	1. () raramente	2. () às vezes	3. () sempre	4. () não sei
	14. esforço ao falar	0. () nunca	1. () raramente	2. () às vezes	3. () sempre	4. () não sei
	15. outros	0. () nunca	1. () raramente	2. () às vezes	3. () sempre	4. () não sei
	Quais?					

78	Já faltou ao trabalho devido alterações na voz? 0. () não 1. () sim; Se sim, quantas vezes? Quantos dias, em média, ficou afastado?
79	Você está satisfeito com sua voz? 0. () não 1. () sim Se não está satisfeito com sua voz, o que mudaria?
80	Você já recebeu alguma orientação sobre cuidados com a voz? 0. () não 1. () sim
81	O que você costuma fazer quando sua voz está alterada?
82	Quanto aos seus hábitos vocais no trabalho , você costuma:
	1. poupar a voz quando não está com os alunos 0. () nunca 1. () raramente 2. () às vezes 3. () sempre 4. () não sei
	2. gritar 0. () nunca 1. () raramente 2. () às vezes 3. () sempre 4. () não sei
	3. falar muito 0. () nunca 1. () raramente 2. () às vezes 3. () sempre 4. () não sei
	4. falar em lugar aberto 0. () nunca 1. () raramente 2. () às vezes 3. () sempre 4. () não sei
	5. falar realizando atividades físicas 0. () nunca 1. () raramente 2. () às vezes 3. () sempre 4. () não sei
	6. falar carregando peso 0. () nunca 1. () raramente 2. () às vezes 3. () sempre 4. () não sei
	7. beber água durante uso da voz 0. () nunca 1. () raramente 2. () às vezes 3. () sempre 4. () não sei
83	Fora do trabalho , você realiza outras atividades que exigem o uso da voz?
	1. cantar em coral 0. () nunca 1. () raramente 2. () às vezes 3. () sempre 4. () não sei
	2. cantar profissionalmente 0. () nunca 1. () raramente 2. () às vezes 3. () sempre 4. () não sei
	3. cantar em igreja 0. () nunca 1. () raramente 2. () às vezes 3. () sempre 4. () não sei
	4. fazer leituras públicas 0. () nunca 1. () raramente 2. () às vezes 3. () sempre 4. () não sei
	5. participar de debates 0. () nunca 1. () raramente 2. () às vezes 3. () sempre 4. () não sei
	6. cuidar de alunos 0. () nunca 1. () raramente 2. () às vezes 3. () sempre 4. () não sei
	7. trabalhar com vendas 0. () nunca 1. () raramente 2. () às vezes 3. () sempre 4. () não sei
	8. fazer gravações 0. () nunca 1. () raramente 2. () às vezes 3. () sempre 4. () não sei
	9. dar aulas particulares 0. () nunca 1. () raramente 2. () às vezes 3. () sempre 4. () não sei
	10. falar ao telefone 0. () nunca 1. () raramente 2. () às vezes 3. () sempre 4. () não sei
	11. outros 0. () nunca 1. () raramente 2. () às vezes 3. () sempre 4. () não sei
84	Existem casos de alteração de voz na sua família ? 0. () não 1. () sim
	1. Se sim, quem?
	2. Se sim, qual o problema?
	3 Se sim, passou por cirurgia? 0. () não 1. () sim